



AS FISSURAS SELVAGENS DO ANIMAL-ESTAR EM *DE CÓCORAS*, DE SILVIANO SANTIAGO



THE SAVAGE FISSURES OF ANIMALSÉANCE IN *DE CÓCORAS*, BY SILVIANO SANTIAGO

SÍLVIA BARBALHO BRITO

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 23/07/2020 • APROVADO EM 30/09/2020

Abstract

This article presents a look at the transformative powers of the animal - while the other, the otherness to the human and the possibility of deconstruction of Tradition - based on the relationship between the elderly Antônio and the dog Gama, characters from the novel *De cócoras* (1999), by the Brazilian writer Silviano Santiago. Under the perspectives elaborated by the thinkers Jacques Derrida (2002; 2016) and Roland Barthes (2013b), we reflect on the fissures of meanings that the animal can inaugurate through and in contemporary literature. These are explained here mainly through the Derridian concepts of animot and animalséance, which disturb the archetypal dimensions of Western culture. Thus, we see what's animal in today's thinking and literature, restoring the original power of that being, which prevents the reproduction of the signs and senses imposed by language and the traditional human social scene, causing unique pulsations and savage fissures.

Resumo

Este artigo apresenta um olhar sobre as potências transformadoras do animal — enquanto o outro, a alteridade ao humano e a possibilidade de desconstrução da Tradição — a partir da relação entre o idoso Antônio e o cachorro Gama, personagens do romance *De cócoras* (1999), do escritor mineiro Silviano Santiago. Sob as

perspectivas elaboradas pelos pensadores Jacques Derrida (2002; 2016) e Roland Barthes (2013b), refletimos sobre as fissuras de sentidos que o animal pode inaugurar pela e na literatura contemporânea. Essas são aqui explanadas principalmente por meio dos conceitos derridianos *animot* e animal-estar, que perturbam as dimensões arquetípicas da cultura ocidental. Dessa maneira, constatamos o que há de animal no pensamento e na literatura dos nossos dias, restituindo a potência originária desse ser, que impede a reprodução dos signos e sentidos impostos pela língua e pela cena social humana tradicional, suscitando pulsações únicas e fissuras selvagens.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Silviano Santiago. De cócoras. Animal. Jacques Derrida. Roland Barthes.

PALAVRAS-CHAVE: Silviano Santiago. De cócoras. Animal. Jacques Derrida. Roland Barthes.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo¹, pretendemos pensar as desconstruções impulsionadas na literatura contemporânea a partir da alteridade de um outro não humano: o animal, que é aqui compreendido como uma abertura para desencadear uma crise no pensamento ocidental – no qual o Homem da perspectiva logocêntrica é o protagonista. Para tal, buscamos em Jacques Derrida (1930-2004) e Roland Barthes (1915-1980) – pensadores das teorias filosóficas e semiológicas francesas do século XX – os fundamentos para direcionar nosso olhar. Para ambos, o animal é pura possibilidade de deslocamentos, nos coloca num movimento de deriva. Um entre-lugar² – já conectando nossa questão à obra do escritor aqui investigado. Assim, e em conformidade com os conceitos contemporâneos dos autores citados, o animal e o humano, em alguns textos literários dos dias atuais, passam a compartilhar percepções, ressignificações e afetos. Dessa maneira, elencamos como campo de observação dessas instâncias o romance **De cócoras** (1999), do escritor brasileiro

¹ Este artigo é uma ampliação revisada de um capítulo proveniente da Dissertação “A cozinha do sentido de Roland Barthes na ficção do escritor-crítico Silviano Santiago”, realizada com subsídio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e defendida em 2017 pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), da Universidade Federal do Rio Grande de Norte (UFRN).

² Sobre o conceito de entre-lugar: Silviano explica que é preciso reconhecer como a interpretação da crítica brasileira foi errônea ao pensar sobre os nossos escritores como produtores de obras “parasitas”. Para o escritor, a crítica sempre leu nossa literatura estabelecendo uma comparação com a produção estrangeira, instaurando uma correspondência entre fonte e influência, imitação e dívida. Ele expõe uma falsa submissão, uma rebeldia dos escritores brasileiros aos textos europeus, o que revela uma resposta estratégica à força colonizadora: a subversão da obra segunda que foi recriada a partir da primeira. Além disso, a partir das suas reflexões acerca desse processo, o teórico mineiro salienta a importância de perceber a *diferença* (no viés derridiano) como valor crítico essencial da literatura Latino-América (SANTIAGO, 2000).

Silviano Santiago (1936-), que possui uma vasta produção literária e crítica também ligada à chamada *French Theory*.

Silviano Santiago é, além de escritor, poeta, professor, pesquisador, tradutor, ensaísta e crítico literário. O pensador diplomou-se Bacharel em Letras Neolatinas pela Universidade Federal de Minas Gerais em 1959 e realizou o doutorado em Literatura Francesa na Universidade de Paris – Sorbonne IV. Além de sua tese sobre o livro **Os Moedeiros Falsos**, de André Gide, e dos anos de estudos na França, a sua conexão com estudos literários, críticos, filosóficos e semiológicos franceses se mostra também na supervisão, em 1975, do trabalho realizado pelo Departamento de Letras da PUC/RJ: o **Glossário de Derrida** (1976), que ele organiza em livro. Outra ilustração pontual é a tradução de **Por que amo Barthes?** (1995), de Alain Robbe-Grillet. Ademais, em 1981, ele é nomeado *Professeur Associé* (visitante) na Universidade de Paris. Ou seja, nossa escolha por essa reunião de autores não é arbitrária.

Assim, para demarcar a possibilidade de desconstrução³ na literatura dos dias atuais a partir do animal, esclarecemos a associação estabelecida pelo cânone do ocidente (tanto filosófico quanto literário) entre humano e animal: uma disposição violenta, em que o último é tido como um corpo sem alma, a serviço do Homem. As raízes dessa relação de exploração são antigas, visto que essa interpretação já estava presente desde a formação inicial da cultura e do pensamento ocidental. Na Tradição⁴, o animal passou a não ser visto, a ser apenas objeto, sem direito à sensibilidade. Ele constituiu o outro mais outro, aquele separado por uma distância abismal, o opositor. O filósofo franco-argelino Jacques Derrida, em **O animal que logo sou** (2002), explica essa dominação humana sobre o animal por meio de uma cena do Gênesis⁵: Deus cria o Homem à sua imagem e semelhança e o coloca no mundo onde os animais já surgem dispostos como machos e fêmeas, prontos para servi-lo. Ao Homem é dado o dever de nomear e controlar esses outros seres. Sem direito à singularidade, os animais são determinados quanto a sua espécie ou a sua designação geral, tendo suas características homogeneizadas e objetificadas.

É válido ressaltar que tal processo de nomeação e controle é realizado exclusivamente pelo Homem, antes do surgimento da mulher. Segundo Derrida (2002), o humano, nesse momento, é apenas o Homem (no máximo, um homem-

³ Derrida estabeleceu em sua filosofia o conceito de “desconstrução” para estimular novas leituras de mundo: trata-se, em síntese, de um esforço de pensamento contra a metafísica, para promover a anulação de toda ideia que é fixa, inabalável, denunciando porque ela é valorizada – e em nome de quem é valorizada –, revelando o que há de dissimulado nesse discurso (DERRIDA, 2001).

⁴ A Tradição, a História, o Homem (com letra maiúscula) demarcam a fala do vencedor, do sujeito que constitui sua própria primazia dentro da nossa metafísica. São formas de os significantes serem tomados para estabelecer uma prisão do pensamento, que não admite questionamentos e ressignificações, totalizando a compreensão de mundo (DERRIDA, 2001). São demonstrações das instâncias de força do fascismo da linguagem (BARTHES, 2013a).

⁵ Não intentamos aqui realizar nenhum tipo de análise do texto bíblico em si, nem pensar sobre a questão do animal dentro da religião cristã ocidental. Focamos nosso olhar apenas nas explanações derridianas acerca do assunto, uma vez que esse pensador elabora a sua proposta filosófica, utilizada neste artigo como fundamentação teórica e comparativa, a partir do Gênesis. Então, nosso recorte atenta a uma perspectiva filosófica contemporânea numa obra de literatura nacional também contemporânea, sem estabelecer discussões sobre Religião em si ou História em si.

casal ou homem-mulher, o qual proverá parte de si para a constituição do seu complemento feminino), que recebe de Deus a ordem de sujeitar o animal, exercendo sua autoridade e devendo cumprir a obrigação de frutificar e preencher a Terra, conquistando-a. Deus mantém-se como um observador onipresente (garante ao Homem a liberdade de controlar o animal, porém, vigia o processo). Assim é iniciada a dominação humana sobre outro ser vivo. Essa é a forma que o Homem intervém no mundo, e dessa forma o animal foi domesticado, adestrado e explorado, tornando-se previsível.

Continuando com a percepção de Derrida (2002) sobre criação bíblica: Deus e o Diabo se inserem na Tradição como mentores do primeiro sacrifício animal, já que a serpente se torna a grande culpada pelo pecado original. Após Adão, Deus também exige de Caim e Abel a prova de que eles dominaram e conquistaram o mundo conforme as Suas ordens, a partir das oferendas. Caim, agricultor, tem sua oferta recusada perante a oblata de Abel, pastor de gado. A inveja atinge seu ápice em um novo sacrifício, com o sangue de Abel, o segundo pecado original. Nesse momento, a condição animal passa também a ser a mesma circunstância do humano inferiorizado (o menor, as minorias) na História do ocidente: Abel é *abatido*; Caim é *emboscado* pelo pecado, cai na *armadilha* do mal, é uma *presa* da tentação. O Homem não reprime e nega apenas o animal, mas também, a partir disso, passa a impor a condição subserviente àqueles diferentes dele: mulheres, crianças, idosos, minorias – sujeitos à margem na História da Tradição.

2. ANIMOT E ANIMAL-ESTAR: A FILOSOFIA NOMEIA AS POSSIBILIDADES DE DESCONSTRUÇÃO

Milênios depois da época retratada no Gênesis, já diante da nossa contemporaneidade, podemos perceber o animal não limitado ao seu significado tradicional, e sim como um outro vivente, acentuando suas características inescrutáveis. A partir das reflexões provenientes do nosso momento histórico-cultural, bem observadas e analisadas por Derrida (2002), podemos começar a mudar a nossa concepção sobre como devemos viver junto ao animal sem estabelecer razões, utilidades ou adestramentos. O animal se torna um ser presente insubstituível, aquele que efetivamente penetra e rasga o espaço, olha o humano e o vê nu.

As observações sobre o animal e o humano na contemporaneidade, conforme Derrida (2002), revelam-se quiméricas⁶. Segundo o filósofo, trata-se de um corpo híbrido, uma multiplicidade, o que impulsiona o olhar para a intrínseca potência plural do animal. Explicamos essa multiplicidade: o animal encerra em si todos os seres que o Homem não considera como seu semelhante. Essa palavra é – gramática, cultural e filosoficamente – apresentada no singular, mesmo possuindo um cunho diversificado, pois designa uma enorme variedade de seres. No animal, os olhares se tornam múltiplos não apenas por tratar-se de um outro ser, mas por ele ser vários nele mesmo, uma reunião de viventes. Por esse motivo, a palavra “animal” não deveria instaurar um processo homogeneizador, uma vez que não é possível

⁶ Alusão às quimeras: monstros mitológicos gregos, constituídos de partes de diversos animais.

unificar a sua indomável pluralidade. Diante disso, para libertar a palavra do singular genérico imposto pela História, Derrida cria uma quimera, o *animot* (2002, p. 70), unindo a palavra “animal” (de mesma escrita na língua francesa) ao vocábulo francês “nome”, “palavra” (*mot*), permitindo ao animal ser como tal, em si, diverso em seu ser. Derrida (2002; 2016) realiza a desconstrução no próprio signo “animal” não apenas alterando seu significante, como também fissurando seu significado, retirando-o da informação falsamente “natural”, sacudindo a observação comum, colocando-o em risco, fazendo surgir outras leituras – selvagens.

Assim, ainda com Derrida, além do *animot*, ele nos revela uma outra quimera: o animal-estar (2002, p. 16), a fronteira entre humano e animal onde ambos podem apagar as supostas diferenças naturais e os binarismos, gerando rupturas que promovem o deslocamento das significações da Tradição. Esclarecemos o animal-estar: o título do texto **O animal que logo sou** (2002) é *L’animal que donc jê sui* em sua língua original. Conforme a nota de Fábio Landa, tradutor da edição brasileira aqui utilizada, “*je suis*” em francês pode ser tanto a primeira pessoa do presente do indicativo do verbo “*être*” (ser) quanto do verbo “*suivre*” (seguir). Dessa maneira, o animal que logo “sou” também é o animal que logo “sigo”. O animal-estar é esse momento (desconfortável, porém libertador) em que o sujeito se desnuda da sua suposta superioridade (garantida pela Tradição), permitindo a troca de olhares entre humano e animal como iguais, criando um ponto ótico de reflexão que promove uma quebra dos paradigmas metafísicos e gera uma experiência impensada.

[... O] animal-estar, a experiência original, única e incomparável deste mal-estar que haveria em aparecer verdadeiramente nu, diante do olhar insistente do animal, um olhar benevolente ou impiedoso, surpreso ou que reconhece. Um olhar de vidente, de visionário ou de cego extralúcido (DERRIDA, 2002, p. 16).

Considerar que nós somos vistos (observados, reconhecidos) pelo animal nos possibilita pensar sobre aquilo que, enquanto humanos, podemos ser e podemos seguir, no sentido daquilo que nós tentamos prosseguir, que está no “após” – um ir adiante de nós mesmos.

Todavia, é preciso frisar que o outro nos vê em sua animalidade: não podemos subordiná-lo aos sentidos humanos, às nossas interpretações e linguagens, como geralmente narram as fábulas e a literatura mais tradicional. Nesse sentido, não se trata de pensar a partir do processo fantástico-moral do animal humanizado, pois ele não é capaz de sair da prisão metafísica, que representa e reflete a cultura do ocidente já estabelecida. Isso promoveria uma domesticação antropomórfica: o Homem realizando um discurso sobre ele mesmo por meio do animal. Aqui, trata-se da *limitrofia* (DERRIDA, 2002, p. 58), aquilo que brota nas experiências transgressoras do fim do Homem, dos interstícios entre humano e animal. De acordo com o filósofo franco-argelino, não basta apenas constatar aquilo que nasce a partir da *limitrofia*, dando atenção às diferenças, heterogeneidades e rupturas entre os seres: é necessário também perceber aquilo que promove seu acontecimento. Isso permite multiplicar, dobrar, dividir essa experiência, rompendo

completamente com os binarismos e desamparando ambos, humano e animal, em mútua transgressão.

Na contemporaneidade é possível defender a relevância de considerar o animal em si. Trata-se então do animal enquanto si mesmo, e do humano em disposição para estar com (e como) o animal e, assim, transformar a si mesmo. Roland Barthes – semiólogo francês do mesmo período de Derrida – também acentua essa característica inescrutável do animal, além de pensar sobre como devemos viver junto a ele sem estabelecer razões ou adestramentos: “nunca comparar seriamente traços de etologia animal com traços de sociologia humana, nunca induzir de uma ordem à outra (pois entre as duas há pelo menos isto: a linguagem)” (BARTHES, 2013b, p. 72). É essa relação entre humano e animal em si que nos transporta aos “fins do homem”, ao limite fronteiro do humano: o animal-estar. “Ao passar as fronteiras ou os fins do homem, chego ao animal: ao animal em si, ao animal em mim e ao animal em falta de si mesmo [...]” (DERRIDA, 2002, p. 14-15).

Essas três instâncias do animal-estar (em si, em mim e em falta de si mesmo) são tocadas pelo humano nessa fronteira: é reconhecer o outro que é o animal, reconhecer o animal que há em mim (depois de mim, perto de mim e junto a mim) e permitir as pulsações próprias desse outro e de mim mesmo. O humano, ao alcançar tal fronteira, rompe com a primeira impressão e passa a dar-se com o animal, que possui outros olhares (mais outros do que qualquer outro), outras percepções, alterando as impregnações sedimentadas pela Tradição.

Nessa fronteira (com as devidas proporções, um entre-lugar, se considerarmos a colonização humana sobre o animal), são percebidas as potências para romper com os pensamentos da Tradição, criando um espaço para fissuras. O animal-estar culmina como uma possibilidade em pé de igualdade à literatura para romper com o fascismo da língua (BARTHES, 2013a), “pois o pensamento do animal, se pensamento houver, cabe à poesia, eis aí uma tese, e é disso que a filosofia, por essência, teve de se privar” (DERRIDA, 2002, p. 22). Por isso, tais conceitos nos estimulam a refletir sobre as potências e as tensões da contemporaneidade, inscritas nos discursos dos filósofos, como também exercidas em obras literárias, apresentando experiências que confrontam as instâncias de engendramento do sentido e as articulações político-culturais que promovem a manutenção do poder fascista da língua, poder esse explicado por Barthes (2013a, p. 14): “a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer”. Assim, reunimos humano e animal, bem como filosofia e literatura, para vislumbrar essas potências de desconstrução, que permitem “que a voz, que as escrituras sejam frescas, flexíveis, lubrificadas, finamente granuladas e vibrantes como o focinho de um animal, para que consiga deportar o significado para muito longe” (BARTHES, 1987, p. 86).

3. DE CÓCORAS E GAMA: O ANIMAL NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Gama é insensível? pergunta a si Antônio e logo emenda: Ninguém é sensível ao outro quando está em jogo a própria sobrevivência (SANTIAGO, 1999, p. 79).

Se comparada às nossas seções anteriores, em que trabalhamos o percurso filosófico-histórico-cultural conferido por Derrida (2002) para o estabelecimento do falocentrismo e do “suposto” direito do Homem para dominação dos demais seres, a citação acima caberia como uma pretensa justificativa humana de tal fenômeno: o Homem, no intento de garantir seu bem-estar, torna-se insensível e promove a anulação (seria melhor, a exploração) dos outros sujeitos. Contudo, nosso intuito é constatar essas potências descritas pelos pensadores abordados, reconhecendo que elas se mostram efervescentes na literatura (BARTHES, 2013a). Para tal, elencamos como objeto para análise o livro **De cócoras** (1999), de Silviano Santiago.

Nesse romance psicológico, acompanhamos o último dia de vida de Antônio: funcionário público (engenheiro aposentado), viúvo, sem filhos, silencioso. Velho e sozinho, habita sua casa da cozinha para o alpendre, do alpendre para o quarto de dormir. À tarde, sua normalidade é interrompida por Gama, um cachorro da vizinhança (que será o nosso foco de leitura junto ao protagonista). Ao fim do dia, ele recebe a visita de dois anjos, que findam por lhe inculir a morte. As visitas do irmão mais velho, a prótese dental, a escola, o trabalho, o casamento, os falecimentos, a política da sua época... Tais memórias nos são apresentados em momentos descontínuos; conhecemos a personagem por meio de lembranças, devaneios e pelas reflexões do narrador, do idoso e de Toninho, a voz-criança que emerge dos sonhos.

A percepção de mundo nesse texto já se mostra diferente pelo sujeito que a interpela: Antônio recebe, inicialmente a contragosto, a visita de Gama, “um cachorro velho e solto no mundo, que inventa caminhos na rua [...] com o focinho altivo” (SANTIAGO, 1999, p. 75). O nome do animal, Gama, imediatamente nos remete ao time de futebol brasileiro, e igualmente nos leva à remissão da figura histórica do navegador português Vasco da Gama, aludindo a possíveis resíduos de um cartógrafo, ação que o cachorro, ao farejar o mundo em sua circulação, constitui nesse caminhar, abrindo seu próprio mapa forjado, uma espécie de invenção de cartografia. O narrador apresenta o animal que, mesmo envelhecido, mantém sua pulsação criadora.

Gama acaba de descobrir o portão aberto da casa de Antônio, acaba de descobrir Antônio de pijama, sentado na cadeira de balanço, e resolve fazer-lhe uma visita de negócios. O vizinho não quer me reconhecer, é o que pensa o cachorro depois de ter transposto o portão, subido os poucos degraus e estar diante dele no alpendre (SANTIAGO, 1999, p. 77).

Nesse romance de Silviano Santiago, o animal ultrapassa o estereótipo e as limitações impostas pelo Homem. Além disso, a antropomorfização é vista sob o viés

da ironia (rompendo com uma humanização do animal), por questionar a relação/afinidade entre humano e bicho doméstico, caracterizando Gama de uma forma que foge da normatividade. É o cão que descobre as terras humanas, as invade, explora e submete. O cachorro estabelece outra relação, não sendo subjulgado, escapando do confinamento. Aqui, o velho animal doméstico propriamente dito é Antônio. A singularidade vem do animal que promove o encontro: é Gama quem faz as descobertas, decide, resolve e pensa. As formas dominante/dominado são desfeitas, as identidades humano/animal são rompidas, as fronteiras e os sentidos são indefinidos – por isso, passam a ser incompreendidos.

O mundo anda rejeitando as aparências. Desbotou para sempre. O mundo não seduz mais os olhos de Antônio. A cada nova manhã anda perdendo a capacidade de fabricar as velhas cores e seus matizes deslumbrantes. Silenciou-se de vez. O mundo não dialoga mais com Antônio. Anda perdendo o perfume das flores e o zumbido dos insetos. Embruteceu de vez. O mundo não inebria mais os sentidos de Antônio (SANTIAGO, 1999, p. 57).

Rejeição, desbotamento, silêncio. Consequências sentidas por alguém não mais seduzido, agora exposto a uma realidade que não consegue iludir por meio de cores *neon*, sons estridentes e cheiros nauseantes. O olhar aqui também revê. Com a perda das características inebriantes, o mundo muda (mudança e mudez, simultaneamente), torna-se outro. Silviano Santiago traz à frente o incômodo de, por vezes, não compreender a realidade, não conseguir mais sentir-se satisfeito com aquilo que ela oferta. Todavia, para além, o escritor expõe nosso confinamento aos sentidos: ele propala as impressões prementes às quais sentidos e signos nos subordinam, denunciando, assim como Barthes (2013a, p. 31), “como uma sociedade produz estereótipos, isto é, cúmulos de artifício, que ela consome em seguida como sentidos inatos”. O mundo de Antônio que por hora está embrutecido, embotado, promoverá estímulos – impulsionados pelo animal Gama – para perceber (apreender, tomar consciência por meio dos sentidos) para fora do já dado.

No entanto, o protagonista sente o desconforto de sair do seu lugar-comum, de batalhar contra o hábito da Tradição ocidental. Para retomar o seu lugar histórico, Antônio, inicialmente, distingue a espécie de Gama antes de reconhecer sua singularidade, reafirmando a dominação. Afinal, o “primeiro animal domesticado: o cão” (BARTHES, 2013b, p. 53). Nesse momento, para o idoso, Gama é apenas “cachorro”:

Antônio conhece o cachorro. Finge que não o reconhece. Finge que não o vê. Antônio lembra o nome do cachorro. Antônio não quer dizer em voz alta o nome do cachorro. Dizer o nome dele é uma forma de declarar que está sendo reconhecido (SANTIAGO, 1999, p. 60-61).

Durante toda a narrativa, Antônio estabelece suas relações sociais pela manutenção da função social do outro: irmão mais velho, cunhada, irmãs, pai, mãe e vizinhos são apresentados sempre por esses títulos de convívio ou de parentesco. O gesto de não dizer em voz alta o nome próprio dos familiares nos revela a rejeição de Antônio a qualquer proximidade ou de afetividade: o outro é objeto de relações vagas e automáticas – então, a proposta de família tradicional amorosa é posta em suspeita aqui. Corroborando Barthes (2013b, p. 196): “o nome é o nome daquilo que amo. Nomeio somente o que merece ser nomeado”. Essa perspectiva dá voz a uma experiência que faz do pensamento e do discurso de Silviano Santiago uma escuta de forças da diferença (essa família é *outra*), ora instaurada com impetuosidade, em face às dúvidas de um interrogar silencioso (como o de Antônio), ora voltada para um trabalho incessante e de uma intensidade tal que altera corpos e sujeitos (como o de Gama). Externando a diferença, as personagens que convivem com Antônio não apresentam em momento algum os nomes próprios, com exceção de Gama e Rita, a esposa.

No caso de Gama, após Antônio romper com a linearidade e dar-se para estar com o animal, ele não só é reconhecido e nomeado, mas também passa a ter o nome ressignificado pelo protagonista. A letra – o conhecimento do Homem letrado – passa a ser destituída por um outro: alfa, beta, gama, o que supostamente nos conduz para essa ordem alfabética (capturada pelo pensamento cristão para denominar Deus como o início e o fim, o Alfa e o Ômega), para um padrão, são depostos, redimensionados pelo animal. O alfabeto grego instaura o primeiro momento de abertura e encontro, deslocando Antônio para um lugar ainda não vivenciado ou experimentado pela personagem, onde ele realiza a ressignificação de “Gama”, promovendo uma abertura para minar as sedimentações impostas pela língua.

Não é por causa do Vasco da Gama que o cachorro da casa vizinha se chama Gama. Só Antônio sabe que o time de Roberto Dinamite pouco ou nada tem a ver com seu nome. Gama se chama Gama por causa da terceira letra do alfabeto grego. Alfa, beta, gama... Gama é o correspondente ao *cê* do alfabeto latino. *Cê* de cachorro. *Cê* de Gama. Antônio é o único na rua que sabe que o destino do cachorro da casa vizinha é o de ser o Terceiro. Houve o pai, um violento e safado garanhão; houve a mãe, uma cadela sem-vergonha. Sobreviveu ele. Gama (SANTIAGO, 1999, p. 77).

Já a esposa recebe um apelido. Isso, *a priori*, particularizaria a personagem. Não obstante, o título demarca sua invisibilidade e subalternidade, uma vez que a alcunha não é singular, não traz nenhum traço pessoal, sendo apenas uma denominação genérica que Antônio, como Homem da nossa Tradição cristã, daria a qualquer mulher que ocupasse o cargo de sua esposa:

A mulher de Antônio nunca teve o nome de batismo pronunciado em casa. Isso por causa de uma brincadeira de juventude levada a sério. [...] Antônio tinha dito à turminha do largo do Machado [...]

que] se algum dia casasse, só casaria com Rita Hayworth, estrela do filme *Gilda*. [...] Depois de beijar a esposa, Antônio disse para ser ouvido por todos os presentes que seria para todo sempre fiel à sua amada e idolatrada Rita (SANTIAGO, 1999, p. 21).

Nessa relação entre marido e esposa, o Homem continua a exercer seu poder de dominação. Silviano Santiago, ao apontar para essa cena, desestabiliza o ambiente da proposta civilizadora, interpelando seu pretensão equilíbrio, e causa uma fissura na virtude que compõe o Homem civilizado, arrombando o modelo dos “bons” valores tradicionais.

Antônio tem outra particularidade: o narrador insiste na repetição do nome do protagonista, nunca o substituindo por pronomes ou sinônimos. Isso força o deslocamento do significante de sua posição linguística, gramatical, semântica, corrompendo com supostas normas estilísticas e desarticulando o poder de intimidação da língua. Além disso, a repetição, o ato de tornar a dizer, pode revelar um sentido íntimo, uma solidão, expondo lacunas, desarmonias com o mundo, trazendo alguma possibilidade de se encaminhar para uma fuga, para espaços desconhecidos, entre-lugares – pulsões que serão despertadas por Gama. Nessa repetição ocorre o trabalho de Silviano de indagar, demolir a soberania tanto do discurso ideal quanto do sujeito da linguagem. É destituído o dogma do saber, aproximando-se de um sabor, que ousa, brinca e experimenta, fissura as instalações espetaculares de uma formação discursiva e de uma escritura burguesa, que colocam em cena a sociedade escolarizada e o domínio implacável das “belas artes”.

Retornamos à relação com o animal: chamar o cachorro pelo nome e refletir sobre isso são ações que demarcam a singularidade de Gama, algo que Antônio, a princípio, ainda evitou anunciar. O receio do idoso é comum: se o Homem estabelece a sua ideia de humanidade a partir do controle e da dominação, renegar o olhar do animal (ser igualmente visto por ele) institui o próprio olhar desse Homem sobre si mesmo, a sua forma de reconhecer sua humanidade e seu espaço especial e privilegiado neste mundo (DERRIDA, 2002). Barthes também corrobora com essa afirmação: “acesso à humanidade: através de um processo de poder sobre as coisas (utensílios), sobre os animais (domesticação)” (BARTHES, 2013b, p. 51).

Em consonância, essa presumível dominação do animal pelo Homem pode ser observada não apenas em **De cócoras**: ela aparece do mesmo modo em textos críticos de Silviano Santiago, a exemplo do ensaio **Bestiário**. Nele, o escritor aduz à relação estabelecida historicamente entre humano e animal: “o homem redimensiona a vida dos animais a partir dos seus próprios pontos cardeais” (SANTIAGO, 2006, p. 160). Já no ensaio **O entre-lugar do discurso latino-americano**, ele desconstrói o discurso da História enfatizando como as civilizações colonizadoras demarcaram sua supremacia sobre os povos colonizados recorrendo a palavras como “animal”: “Essas expressões, aplicadas aos não ocidentais, configuram muito mais um ponto de vista dominador do que propriamente uma tradução do desejo de conhecer” (SANTIAGO, 2000, p. 11).

Com esse olhar crítico, Silviano Santiago demonstra a urgência da ruptura com o modelo castrador que domesticou tais seres – e que tanto alavancou como também embruteceu o Homem. A dramatização dessas situações nos leva a pensar sobre a extravagância e a transgressão necessárias para fazer fluir o excedente, nos

conduz à desconstrução. Encontramos nas cenas anunciadas por Silviano a passagem que irá desintegrar o Homem do paradigma civilizatório. Atitudes de exclusão e violência com o outro (aqui, o animal) mostram a constituição desse outro mais outro, aquele separado por uma distância abismal, o opositor. Por isso, aos que não compreendem o anômalo, ele gera incômodo, estranheza, nojo:

Antônio tem asco de cachorro sarnento. Sempre teve. A mulher quis ter um cachorro em casa. Antônio disse que não. Explicou para a mulher que cachorro vive quinze, no máximo dezesseis anos. Tinha medo de vê-lo ir envelhecendo depressa, ganhando as perebas que, aqui e ali, o corpo de Gama já ostenta. As perebas da idade e do abandono em que vive (SANTIAGO, 1999, p. 82-83).

Para além da dominação, o asco de Antônio pode nos indicar o não observado pela personagem, aquilo que o olhar ainda embebido pelo lugar comum da História não conseguia ver: o mal-estar diante do outro e de si mesmo. Solitário, decrépito, Antônio mantém o corpo sedentário, em contraponto a Gama, um velho caminhante, ativo. Esse outro que o indaga o faz perceber a si mesmo. Dessa forma, o cão instiga um ato transgressor no Homem acomodado, evocando uma dilacerante experiência interior em que o sujeito mergulha no declínio orgástico, suspendendo o seu lugar na civilização para excretar substâncias do âmago de sua carne, para expor o tempo em fendas e marcas de sua pele. Essas reações são comumente consideradas como abjetas, tendo que ser disfarçadas ou esquecidas, por não poderem ser evitadas.

Junto ao animal, Antônio está exposto à própria velhice, ao próprio isolamento e ao animal do humano. Essas instâncias são estimuladas pela negociação do animal, pela “visita de negócios” de Gama. A ação de Antônio em não observar Gama como ele o observa é uma tentativa (frustrada) de fugir do “animal-estar”.

Cogitar que somos observados pelo animal nos possibilita refletir sobre aquilo que, enquanto humanos, podemos ser (em potência, no sentido das múltiplas possibilidades existentes). Entretanto, é preciso salientar que esse animal nos vê em sua singularidade: não podemos subordiná-lo aos sentidos humanos, à nossa interpretação e linguagem. Esse processo culmina na transformação da percepção: na “Hierarquia dos cinco sentidos: não apenas diferente no animal e no homem (cão: olfato → ouvido → visão), mas diferente no interior da história humana” (BARTHES, 2013b, p. 153). Silviano Santiago nos lança nessa mudança a partir de Antônio, que rompe com a primeira impressão fascista e passa a dar-se com Gama:

Antônio não tem mais asco da língua derreada de Gama. Levanta o cachorro – magro como está quase não pesa –, e o põe no colo. [...] Sem jeito, nunca tinha se aproximado tanto de um cachorro, Antônio não sabe como tocá-lo. As mãos, depois de terem sido garras de guindaste e depositado a carga no colo, ficam suspensas no ar, buscando alguma coisa onde se apoiarem. A mão direita baixa

na espinha dorsal de Gama e vai acompanhando-a até o rabo (SANTIAGO, 1999, p. 83-84).

Não se trata de mais um animal limitado ao seu suposto significado cultural doméstico. Temos um outro vivente para conviver, como aponta Barthes em **Como viver junto** (2013b, p. 50): “Homem e animal em pé de igualdade. Manobra do gato selvagem”. Gama tem essa mesma pulsão indomável e se torna aquele que efetivamente penetra e rasga o estabelecido, olha Antônio e o vê nu – desnudado da sua pretensa autoridade metafísica. O animal possui outros olhares, outras percepções, alterando as impregnações dos sentidos:

O corpo do cachorro freme sob o efeito da carícia e se amedronta quando os dedos tocam uma ferida aberta. Antônio retira rapidamente a mão. Examina o local. A dó esmaga o nojo. Volta a escorrer os dedos pela espinha dorsal do cachorro. O roupão está sendo molhado pela saliva incontinente. O pelo encardido pelo tempo, as peladas e as perebas dão certa dignidade de vida a Gama. Só quem viveu muitos anos e sobrevive à velhice pode ostentar essas marcas da experiência. Antônio olha o dorso avermelhado das próprias mãos. Está adornado por pintas de velho, como tecido estampado (SANTIAGO, 1999, p. 83-84).

Nesse encontro de corpos, Antônio sofre um lento e persistente desabamento da leitura imediata. Pelos olhos de Gama, a personagem se olha pela primeira vez e descobre um desconhecido: o próprio corpo. Da curiosidade mútua, abre-se a possibilidade da descoberta de si, como indaga Derrida (2002, p. 92): “mas esse gato não pode ser, no fundo de seus olhos, meu primeiro espelho?”. Silviano Santiago, em **Bestiário** (2006), reafirma tal processo, explicando que a percepção subjetiva (o olhar do humano voltado para si) por vezes é substituída por uma percepção objetiva (o olhar do habitante daquele espaço – no caso, o animal), promovendo uma partilha de olhares entre ser humano e ser animal.

Porém, para Derrida, não basta apenas constatar aquilo que nasce a partir dessas experiências (dando atenção às diferenças, às heterogeneidades e às rupturas). É imprescindível perceber aquilo que promove seu acontecimento, como já foi dito, e assim multiplicá-las, dobrá-las, dividi-las, engrossá-las: “o que se avizinha dos limites mas também o que alimenta, se alimenta, se mantém, se cria e se educa, se cultiva nas margens do limite” (DERRIDA, 2002, p. 57). Assim, Silviano Santiago intensifica a já explanada *limitrofia*, rompendo completamente com os binarismos, desamparando ambos os seres, humano e animal, em mútua transgressão:

Gama olha Antônio sem querer se aproximar dele. Quer ser visto por Antônio, agora que está bem [...] sentado nas duas patas traseiras. Ficaram assim por horas um olhando para o outro, trocando papéis. Ora um o espectador e o outro a figura na tela; ora

uma figura na tela e o outro o espectador. Foi escurecendo. O dia escurece de vez (SANTIAGO, 1999, p. 86).

Esse jogo, essa troca, começa a eliminar as raías. Antônio e Gama passam a transitar por linhas de fuga, que não se permitem objetivar, nem contar, apagando as bordas entre humano e animal. Observamos uma inversão de sentido que arromba o paradigma ótico construído pela civilização. Isso corresponde a uma destruição violenta com fraturas e perfurações, combatendo o olho domesticado, libertando-o do olhar habitual que consagra e sacraliza a busca da perfeição e da racionalidade do ver, do bem enxergar. Emerge novamente a *limitrofia*: enquanto fronteira, ela não se consiste em uma única linha somente (se assim fosse, continuaria como um pensamento antropocêntrico). Estamos em face de um contradiscurso concernente às interpretações hegemônicas, homogeneizadoras da história e da cultura. Humano e animal deixam-se estar nesse entre-lugar, em convívio mútuo, na ausência de voracidade, em um “não devorar, não engolir, mas pastar” (BARTHES, 1987, p. 20).

4. ANTÔNIO E OS ANJOS: O HUMANO FISSURA A TRADIÇÃO

O choque promovido em *De cócoras* (1999), ao ser analisado junto à cena cristã abordada por Derrida (2002) e à experiência na *limitrofia*, é destacado pelo primeiro anjo, que observou Gama e Antônio durante toda a tarde, aguardando o momento ideal para retirar a vida do senhor idoso: “[O anjo] acompanhou-o até o alpendre, onde tentou compreender sem conseguir o interesse e o carinho de Antônio pelo cachorro” (SANTIAGO, 1999, p. 104). Como um serviçal de Deus, guardião da Tradição ocidental cristã, ele não entende o animal-estar, a troca entre os viventes: “o anjo é obediente e Antônio, desobediente. [...] Não tire as vendas do coração na idade madura – o anjo silencia e pensa. Periga você ficar cego de dor” (SANTIAGO, 1999, p. 107). O anjo não entende o olhar de quem está à espreita, circundando, flanqueando; o olhar de quem se reconhece alvo, presa perante o predador. Aquele que sente o incômodo, busca a fuga, não teme a dor; o olhar de quem devora e de quem é devorado. Não há como ele vivenciar o animal-estar.

O animal está aí antes de mim, aí perto de mim, aí diante de mim – que estou atrás dele. E pois que, já que ele está na minha frente, eis que ele está atrás de mim. Ele está ao redor de mim. E a partir desse estar-aí-diante-de-mim, ele pode se deixar olhar, sem dúvida, [...] e ele pode, ele, olhar-me. Ele tem seu ponto de vista sobre mim. O ponto de vista do outro absoluto, e nada me terá feito pensar tanto sobre essa alteridade absoluta do vizinho ou do próximo quanto os momentos em que eu me vejo nu sob o olhar de um gato (DERRIDA, 2002, p. 28).

O olhar no olho do outro, do *animot*, é que o permite ver a fronteira do humano. Abre-se a possibilidade da descoberta de si. Para Derrida (2002), essas questões promovem novas reflexões sobre nosso viver, fazer, morrer, ser. É um momento de pura possibilidade, de potências.

Essas potências continuam pulsantes em **De cócoras** (1999): Antônio, que dorme após a partida de Gama (que saiu da mesma forma que entrou, sem aviso, por determinação própria), tem apenas a mente em sonho, dando cor aos traumas da meninice – de Toninho –, jogando luz em momentos obscuros de sua infância: o velório, a tarde que passou acocado embaixo da mesa que exponha o caixão com sua mãe falecida. Então, a História ocidental impõe a conservação do seu poder. Como expectador, o anjo não apenas é incompreensivo, como também demonstra desprezo pelo humano: “– Levante – é a ordem que quer lhe dar – seja um rapazinho! um verdadeiro Albuquerque e Silva! Que é isso de ficar escondido de cócoras debaixo da mesa de jantar?” (SANTIAGO, 1999, p. 104). A figura sacra passa a considerar o humano como algo monstruoso, animalesco. O anjo não mais compreende esse Homem, pois ele não está mais nessa instância, está em outra: “a metamorfose do animal sadio em animal selvagem, produto da percepção de outrem, é marca singular da estranheza” (SANTIAGO, 2006, p. 158). Silviano subverte os conceitos da normalidade, apresentando uma maneira de sair das convenções e dos padrões da Tradição que nos reduzem a uma racionalidade, para assim invadirmos territórios selvagens.

Antônio passa a ser um sujeito estranho, que teima contra a força do dogma cristão. O corpo depauperado, que estava ao acaso, passa a animar-se com a intensidade do animal-estar, em que se entrevê uma zona de indiscernibilidade entre o humano e o animal:

A vida fica “à beira do corpo”, e ali permanece batendo asas entre a busca utópica da condição humana (“nunca atingiremos em nós o ser humano”) e a busca não menos utópica da condição animal (“desistir da nossa animalidade é um sacrifício”) (SANTIAGO, 2006, p. 163).

Assim, graças e a partir da descoberta de Gama, o idoso torna-se um ser selvagem, indomado. O anjo não consegue subordiná-lo às suas ordens de seguir para a luz, de abandonar o corpo deteriorado, enrugado, grisalho, de receber a suposta dádiva divina da paz e da vida eterna:

- Silêncio! Preste atenção. Ouça minha voz.
- Para quê?
- Você me chamou. Eu vim.
- Eu não te chamei – afirma Antônio de maneira categórica.
- Chamou sim, escutei seu apelo.
- Você se enganou de pessoa ou de endereço. Acontece.
- Diga-me apenas *sim*. E a paz estará contigo.
- Não! (SANTIAGO, 1999, p. 115, grifo do autor).

O que o anjo não pode reconhecer é que Antônio renega essa suposta paz: surgiram pulsações que o desviam da própria domesticação. Seus olhos já enxergam para além. Nesse enfrentamento contra a metafísica, o indivíduo abandona a “máscara do Poder” e veste a “máscara do selvagem” (SANTIAGO, 2002, p. 158), o que faz emergir nele o animal-estar – não por um processo de imitação ou assimilação das características de outro (retido em sua forma cristalizável), mas da prospecção mútua de dois seres em um:

– Vim para abrir a porta e te revelar a vida eterna – esclarece o anjo.
– Você não tem nada para me revelar – Diz Antônio ao anjo. – não vê, não sente o fedor, tenho o corpo todo cagado e os olhos límpidos de ilusão. [...] O anjo tem nojo de Antônio (SANTIAGO, 1999, p. 116).

O excremento, elemento que fora escondido, aniquilado e reduzido pela civilização castradora (com a finalidade da redenção para o empreendimento racional), mostra-se aqui como força de transgressão. O escritor brasileiro nos coloca diante da substância fecal da ordem natural que somos. A ação excremental de Antônio instaura seu lugar nessa tênue fronteira entre humano e animal, a *limitrofia*, uma cartografia dos dejetos. Como afirma Barthes (2013b, p. 240): o “animal de território (cervo, hipopótamo, homem). Ora, o território pode ser marcado intencionalmente (significativamente) pelos excrementos (hipopótamo)”. Da mesma forma, Antônio marca propositalmente seu território, seu corpo, e se impõe perante a força sacra do ocidente.

Não há como desviar os olhos, os sentidos e suas visões dos excrementos, do sangue e dos cadáveres e não ser conduzido aos gestos de interdição: “ligação do santo com o Corpo glorioso (= ‘corpo que não evacua’: purificado da função excremental e do apodrecimento: nosso corpo eterno, no Paraíso [...])” (BARTHES, 2013b, p. 240). São verdadeiras desagregações do paradigma da Tradição do humano “domado” que busca a virtude ao controlar o corpo e os instintos. Dissipasse o cárcere doméstico, religioso e racionalizante, numa dilaceração de tudo que é canônico. Em **De cócoras** (1999), afirma-se a fissura com a construção da imagem da pureza, que remete ao corpo domado da pretensa virtude.

Entretanto, como na condição animal, isso não impede o óbito: no romance (SANTIAGO, 1999), surge um segundo anjo. Militarizado, sem inaugurar nenhum diálogo, ele dispara flechas no peito de Antônio, lhe infligindo a morte. A cena do humano velho, cagado e morto mostra o corpo em intensidades de matéria viva, destituído das rígidas codificações do organismo (fisiológicas, biológicas, sociais...), abrindo possibilidade para a existência de um corpo intensivamente aberto. Ao romper com a figura celestial do corpo jovem, viril, expondo um Antônio desfigurado e sujo, Silviano faz vibrar fluxos, afetos e sensações que antes estavam bloqueados e cristalizados pela civilização. Fissuras selvagens.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No romance **De cócoras** (1999), de Silviano Santiago, a percepção não obedece às regras estruturais fixas. O escritor se utiliza das possibilidades da literatura para romper com os pensamentos da Tradição, criando um espaço para pulsações e fissuras selvagens. O animal-estar pensado por Derrida (2002) culmina como potência para romper com o fascismo da língua, apontado por Barthes (2013a). Uivos, urros, berros, zumbidos, latidos e rugidos do corpo animal, nunca ouvidos desde que a metafísica os silenciou, agora se espalham e perfuram o poder sedimentário da língua, denotando a força revolucionária da literatura na linguagem. São gritos que vêm da alteridade e se espalham no corpo, emanados das gargantas de singularidades que estariam, nessas circunstâncias, a salvo do senso comum, sem modelos interpostos.

Observamos no texto do escritor brasileiro as potências que o *animot* e o animal-estar possibilitam enquanto mudanças dos sentidos do mundo, a partir desse relacionar-se com o outro. A impregnação da leitura imediatista humana passa a ser fissurada pelos sentidos do animal, promovendo uma ressignificação a partir do outro. Assim, leituras pulsantes e selvagens emergem, corrompendo o fascismo humano instalado na cultura ocidental e instaurando pluralidades.

Essa obra de Santiago nos coloca à espreita, rasga o comum, o fixo, o padrão, principiando potências de desconstrução do estabelecido, impulsionando-nos para além da perfeição divinizante a que, metafisicamente, fomos condenados. Como aponta Barthes, a literatura – aqui, contemporânea – se demonstra como um espaço efervescente para as sensações múltiplas que emanam do ato de ler e da ressignificação dos sentidos.

Nessa instância, o humano e o animal se encontram e compartilham pulsações que refutam qualquer proposta mimética, passando a ter uma abertura diferenciada para perceber além, ver a relação que se dá na expectativa de uma relação sem amarras, na *limitrofia* (DERRIDA, 2002). Antônio, após estar junto a Gama, ao *animot*, passa a não mais ignorar esse que estava à espreita na cena: ele mesmo, o humano no ápice da sua autenticidade, a partir do animal. Ele está à espreita daquilo que lhe instigará à revolta contra as forças da Tradição, revelando denúncias e delações, bem como traindo esse mesmo controle e passando a instaurar, por meio do corpo e dos excrementos, uma nova linguagem, em desistência de um “Eu” ocidental sacro, exultante e soberano.

Silviano Santiago coloca em perspectiva a dimensão criadora que a animalidade toma na literatura. Com o *animot* e a partir do animal-estar, coloca em colapso e perturba as dimensões arquetípicas da cultura cristã, revelando a Antônio o humano que ele autenticamente é por meio de um estar legítimo (revelador, porém desconfortável) em relação ao cachorro Gama. A percepção, afetada por essas perturbações, inicia uma intempestividade no corpo, que irá transformar o comum, o tradicional, provocando a desconstrução da imagem domesticada, tornando possível a instauração do inesperado e das fissuras selvagens.

Referências

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada no dia 7 de janeiro de 1977. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013a.

BARTHES, Roland. **Como viver junto**: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos. 2. ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2013b.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

DERRIDA, Jacques. **A besta e o soberano**: (Seminário) (2001-2002). Vol. 1. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou (a seguir)**. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo**: uma impressão freudiana. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DERRIDA, Jacques. The animal that therefore I am (more to follow). Trad. David Wills. **Critical Inquiry**, v. 28, n. 2, jul./dez. 2002, p. 369-418.

SANTIAGO, Silviano. **De cócoras**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

SANTIAGO, Silviano. **Ora (direis) puxar conversa!** Ensaios literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

Para citar este artigo

BRITO, S. B. B. As fissuras selvagens do animal-estar em *De cócoras*, de Silviano Santiago. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato**, v. 10, n. 1, 2021, p. 152-168.

A Autora

SÍLVIA BARBALHO BRITO é doutoranda (bolsista CAPES) em Estudos da Linguagem, na área de concentração Literatura Comparada, pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande de Norte (UFRN). Mestre em Estudos da Linguagem pelo mesmo Programa. Graduada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela mesma instituição.